



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

AMAURI APARECIDO BÁSSOLI DE OLIVEIRA (2)

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-807

Entrevistado: Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira

Nascimento: 13/07/1959

Local da entrevista: Porto Alegre/Maringá (Via Skype)

Entrevistadora: Mayara Cristina Mendes Maia

Data da entrevista: 30/08/2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Pesquisa: Mayara Cristina Mendes Maia

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 21 minutos

Páginas Digitadas: 8

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção Do E-book *Esporte da Escola: experiências na formação continuada e em serviço*, organizado por Silvana Vilodre Goellner e Mayara Cristina Mendes Maia.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento no Programa Esporte da Escola; Relação com o Programa Mais Educação; Ministério do Esporte e Ministério da Educação; Material pedagógico produzido; Cursos de Extensão; Capacitações e formação profissional; Pontos positivos do Esporte da Escola; Inclusão social; Contribuições e experiência profissional; Políticas públicas de Esporte e Lazer; Avaliação do Esporte da Escola.

Porto Alegre, 30 de agosto de 2017. Entrevista com Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Bom dia professor Amauri. Você poderia falar um pouco sobre a sua relação com o Esporte da Escola?

A.O. – Foi um convite do Ministério da Educação (MEC) para que nós participássemos de uma política indutora que era o Programa Mais Educação. A partir das tratativas do Ministério da Educação, começamos a visualizar um processo de participação do Ministério do Esporte por intermédio do referencial teórico que tínhamos no Segundo Tempo para atender a essa política indutora da educação de tempo integral. Então, essa foi uma das primeiras vezes que o Ministério do Esporte foi convidado a participar de uma ação junto ao Ministério da Educação por conta de uma proposta pedagógica estruturada, que eles consideraram para participar também dessa política indutora. Então, a partir desse momento, começamos a trabalhar de forma mais intensa com o Ministério da Educação construindo materiais e uma estrutura pedagógica que pudesse dar conta das demandas que surgiam em decorrência do Mais Educação. Porque lá, nós tivemos uma diferença que foi significativa: o fato de trabalharmos com pessoas que não eram formadas na área. Fomos muito contra a vontade, mas era uma política indutora e nós resolvemos que para aquele momento estaríamos colaborando com o Ministério da Educação. Talvez tenha sido um dos grandes problemas, atuar com pessoas leigas não só na Educação Física, pois essa era uma das exigências do MEC¹, na qual pessoas interessadas em colaborar poderiam atuar como monitores – de qualquer área da Educação Básica. Esses monitores atuavam, por conta de uma pequena ajuda de custo, no contra turno ou na sequência das aulas das crianças que tinham vontade em participar do processo integral. Para nós, foi uma dificuldade muito grande, foi necessário trabalhar um convencimento bastante grande os parceiros que atuaram nos cursos de extensão, mas acabamos convencendo-os no argumento de que nós não poderíamos nos isentar de pelo menos passar alguma coisa para essas pessoas, os monitores, porque, independentemente do que nós pensamos ou idealizamos para esse trabalho, o Ministério da Educação iria tocar. Então, achamos para o

¹ Ministério da Educação.

bem geral que seria importante uma participação nesse processo para minimizarmos possíveis equívocos no trabalho com a Educação Física e com o Esporte Educacional.

M.M. – Certo. E qual era a sua função lá dentro?

A.O. – Eu atuei como coordenador geral pedagógico desse processo, idealizando e desenvolvendo a proposta e o processo dos cursos de extensão... Acabamos realizando momentos de reflexão por meio dos cursos de extensão para pessoas que tinham interesse em colaborar com uma prática esportiva dentro das escolas e aí acabei assumindo todas essas responsabilidades com a proposta.

M.M. – Mas para as equipes de formadores responsáveis pela realização desses cursos havia capacitação? Existia material pedagógico para eles?

A.O. – Nós tivemos um problema sério. Tivemos que organizar um novo material para além do que a gente já estava utilizando no Programa Segundo Tempo. Convidamos o Fernando Gonzalez² e a Suraya³, e nós três acabamos idealizando uma estrutura de material pedagógico para ser disponibilizado para a realização dos cursos e para ser entregue aos monitores que participassem dos cursos.

M.M. – Você lembra mais ou menos em que ano foi isso?

A.O. – A partir de 2011. Em 2010, começamos esses contatos com o Ministério da Educação e 2011/2012 começamos a estruturação desse novo material, que acabou saindo no final de 2013. Trata-se de um material muito extenso, rico de atividades e que envolveu muitos profissionais de todo o Brasil... Nós acabamos fazendo uma coleção, são quatro volumes de práticas corporais. Hoje esse material é realmente uma referência para todo o país, inclusive para a Base Curricular Comum que está sendo organizada, mesmo porque o Fernando e a Suraya também participam das comissões. Eu auxiliei como consultor rápido também dentro dessa lógica e acredito que, de certa forma, estaremos subsidiando a Educação Física Escolar com os materiais do Programa Segundo Tempo. O que é muito

² Fernando Jaime González.

³ Suraya Cristina Darido.

bom porque é o que a gente gostaria também de alcançar, qualificar as aulas de Educação Física na escola. Esse material teve uma lógica de construção, reorganização do esporte e das atividades corporais, e antes até ficar totalmente pronto, nós discutimos com as equipes colaboradoras do Programa Segundo Tempo, alinhamos um pouco mais e depois o concluímos. A partir do momento que o material foi concluído, constituímos um grande grupo para trabalhar com o processo de cursos de extensão no Mais Educação. Foi o trabalho com o Esporte da Escola. A partir da constituição desse grupo, fizemos uma capacitação demonstrando toda a lógica do material, como que ele foi construído, organizado e como eles poderiam replicar por todo o país nos diversos cursos organizados. Participaram dos cursos do Esporte da Escola mais de sete mil professores por todo o país.

M.M. – Como estavam estruturados esses cursos para os monitores?

A.O. – Toda a nossa formação começava com uma parte teórica. Primeiro para mostrar a fundamentação, como esse material foi construído, quais são os seus objetivos, cada um dos temas tem uma exposição teórica inicial. Depois, nós tínhamos dois dias de momentos práticos. Inicialmente, fazíamos tudo isso dentro dos dois dias. Com o caminhar, com o avanço das possibilidades, nós começamos a exigir das prefeituras e/ou Secretarias de Estado, que queriam a nossa formação, que os cursistas deveriam participar da etapa do nosso sistema EaD⁴. Na etapa EaD, os temas de fundamentos puderam ser tratados com mais propriedade, com mais profundidade, facilitando os dois dias das práticas. Essa estratégia foi muito positiva e facilitou o entendimento geral de que as atividades deveriam se pautar nos momentos reflexivos, avançando da prática pela prática. Ressalto aqui que todos os nossos formadores também passaram pelo processo de capacitação para o trabalho que desenvolveram por todo o país junto aos monitores. Esse foi um momento muito importante para o sucesso atingido.

M.M. – E qual a sua opinião sobre esses processos, tanto da capacitação quanto do curso de extensão?

⁴ Ensino à Distância.

A.O. – Esse modelo que nós temos de EaD mais presencial é o que nós adotamos hoje, inclusive para o Programa Segundo Tempo como um todo. Ele é ótimo, só que o nosso professor ainda tem certa dificuldade com as mídias, por enquanto. Mas já melhorou muito de quando nós começamos esse processo. Hoje já está bem mais facilitado, então, isso também facilita nossa intervenção prática, porque ele já tem um entendimento da lógica do que nós queremos com esse material e os propósitos estabelecidos, fica bem mais facilitado. Para aquele momento, quando a gente tinha mais a questão das vivências, eu vejo assim: Ela é muito importante, mas é um curso de extensão e que eu não posso com dois dias entender que eu vá fazer uma mudança significativa, conceitual ou prática desse sujeito; eu dou ali alguns indicativos, a gente tem que ter clareza disso, que não vai superar um quadro histórico ou biográfico que ele já tem em relação ao esporte. De repente, aquilo é um alento, ele tem uma nova perspectiva, mas se ele não se envolver, se ele não participar efetivamente, ler atentamente os materiais, se ele não experimentar coisas diferentes, não utilizar os nossos recursos, pode ser que não avance. Então, essa é uma exigência para avançarmos, mas o fato de o MEC não exigir que o trabalho seja desenvolvido por profissionais graduados complica bastante esse quadro. E aí, esses cursos de extensão atuam mais como estimuladores a leitura, aproximação com os temas, curiosidades de como as práticas corporais podem ser trabalhadas e exigem conhecimento. Para o Programa Segundo Tempo, isso é muito bom porque a gente já tem um profissional que vem com uma bagagem de formação universitária. Quando ele chega para o nosso material, ele tem até pontos críticos em relação ao material, discussões e tal, isso é muito bom porque daí é só um nivelamento, é um alinhamento da proposta que nós temos. Quero aproveitar para destacar que todo o material que disponibilizamos não deve servir como receita, ele é apenas estimulador e fonte de consulta para os trabalhos que os envolvidos têm com as crianças. Todos podem alterar, sugerir e enriquecer o que ali está apresentado. O professor tem autonomia para tocar a prática dele, então, o nosso material é mais um aporte ou um suporte para ele. Na lógica do Programa Segundo Tempo, eu vejo como uma perspectiva fantástica. Mas, naquela estrutura que a gente tinha no Programa Mais Educação, acho frágil. Mas eles estão revendo e acho que a coisa talvez volte com outro formato, espero eu que com profissionais qualificados para isso. Hoje, nós estamos atendendo as prefeituras que têm o interesse com o programa e muitas estão ligando, querendo o curso para os professores de suas secretarias de Educação e de Esporte. Mas é nessa lógica que eu te falei, com profissional qualificado, para professores que já estão

atuando na escola, que têm uma Educação Física sistematizada e que aproveitam o nosso material, aí para nós é fantástico, é a maior alegria.

M.M. – Quais são os pontos positivos que você pode mais indicar do Esporte da Escola?

A.O. – Toda a proposta pedagógica organizada para o Esporte da Escola é uma referência nacional, como eu te disse. Então, esse é um grande ponto positivo, que a gente está resgatando o trabalho com o esporte qualificado dentro da escola, não negando essa manifestação cultural que é importante para ser trabalhada no setor educacional. O que fizemos com o Programa Segundo Tempo e o que nós fortalecemos com o Esporte da Escola é exatamente isso. Estamos aprendendo como dialogar com o professor que está na escola, que a gente também tem que aprender e aprender a elaborar materiais didáticos que sejam acessíveis a ele, que ele consiga absorver esses materiais, que ele consiga experimentar esses materiais, então, isso é um grande ponto positivo do que nós tivemos até agora com o Programa e acho que ele tem sido referência para os cursos de graduação de Educação Física, tem sido referência para as secretarias estaduais e municipais de educação. Isso para nós é o grande ponto positivo da proposta e uma valorização do projeto social também porque é um projeto social muito sério e qualificado. Acabamos de ter um edital público aberto para propostas novas do Programa Segundo Tempo, do Paradesporto, do PST Universitário. Tivemos mais de 1700 propostas dos municípios, ou seja, mais de 30% dos municípios brasileiros querem o Programa Segundo Tempo, essa é uma resposta extremamente positiva do que nós estamos semeando há mais de dez anos e mesmo com o revés político que sofremos nos últimos três, quatro anos, a gente se mantém forte com essa proposta.

M.M. – E quais seriam os pontos frágeis encontrados no Esporte da Escola?

A.O. - Talvez os pontos frágeis ainda estejam vinculados à falta de envolvimento um pouco maior do nosso profissional, em relação ao Esporte da Escola. O ponto frágil foi termos pessoas que não tinham vínculo com a escola, esse foi um ponto extremamente frágil no meu entender e que a gente precisava superar. Outro aspecto frágil é relacionado à burocracia para a continuidade do Programa. A cada ano há dúvida se o mesmo terá continuidade ou não, se a escola será contemplada ou não. Isso acaba por desmotivar a

direção e toda a estrutura nos pleitos. Sem considerar as crianças, as mais afetadas, pois podem ter isso num ano e no outro não. Essa é uma fragilidade no Esporte da Escola e no PST como um todo. Temos feito gestões com os coordenadores da SNELIS⁵ e do MEC, mas não se trata de uma tarefa fácil, a burocracia ainda é muito grande.

M.M. – E pensando num papel de inclusão social do Esporte da Escola, como isso estava inserido nessas propostas pedagógicas?

A.O. – Olha, toda nossa proposta do Esporte da Escola ou do Esporte Educacional como um todo visa a inserção, visa a inclusão. A inclusão nas atividades e programações do Esporte da Escola e do Esporte Educacional como um todo é plena porque todos têm direito a isso e quando a gente oferece o Programa não se limita e não limita ninguém. Quanto ao aspecto da inclusão social, a gente não tem dados para te falar: “Olha a gente consegue efetivamente incluir o garoto ou a garotinha dentro da sua sociedade ou na sua lógica”. O que temos são depoimentos esparsos e individualizados, sem um rigor de coleta efetivo. A nossa equipe de avaliação está criando instrumentos para avaliações qualificadas de como o projeto ou programa faz a diferença nas comunidades, mas ainda não temos dados para além do que a Equipe da Professora Eustáquia⁶ da PUC⁷ de Minas desenvolveu, por intermédio de uma pesquisa financiada pela Rede Cedes. Dados muito favoráveis a todas as ações desenvolvidas pelo Programa Segundo Tempo e pelo PELC⁸. Mas temos uma fragilidade de continuidade com o Programa, como já destaquei. Ele não é renovado continuamente, há interrupções que o fragilizam e qualquer projeto social que você desenvolver tem que ter um nível de continuidade de quatro, cinco anos para ele possa afirmar: “Olha, fizemos a diferença para essa ou para aquela comunidade”. A gente não tem isso, porque a gente não temos continuidade com o Programa e isso complica muito. Não temos dados que venham a nos garantir a nossa participação efetiva na inclusão social, por outro lado, temos que entender também que o esporte é apenas um elemento, ainda pequeno no meu entender, para que sozinho possa fazer a diferença. Sem dúvida é um recurso muito forte, mas precisa estar amparado por tantas outras políticas públicas de apoio. Ou seja, eu passo ali no máximo quatro, seis horas com a criança na semana e aí a

⁵ Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social.

⁶ Eustáquia Salvadora de Sousa.

⁷ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

outra ala, nem sempre muito positiva, passa o resto do tempo. Então, é o que a gente sempre fala com os docentes que atuam conosco: “Olha, tudo bem, sabemos dessa nossa fragilidade, portanto, a qualidade do material e qualidade das nossas aulas tem que ser muito boa para cativar esse garoto para as ações sociais que a gente está querendo dizer, de inclusão, de emancipação, de respeito ao próximo, todos os princípios básicos do Esporte Educacional”. Podemos colocar assim, como uma luta muito diferenciada, nós temos uma condição ou tiro muito pequenininho frente a uma outra força que está por aí, então, a qualificação tem que ser muito boa.

M.M. – E quais contribuições que essa experiência do Esporte da Escola trouxe para você como profissional?

A.O. – [risos] É sempre muito interessante, como diz o Paulo Freire: “A partir do momento que você deixa de ser curioso, de querer aprender, está na hora de pegar o chinelo e ir embora”. E, felizmente, ainda tenho muita curiosidade e muito por aprender. É uma realização pessoal, é uma realização profissional, a cada dia que a gente vivencia as novas ações, as novas experiências, a gente vai crescendo como pessoa e como profissional porque vai também angariando conhecimentos e experiências que nem sempre a academia nos possibilita. Na verdade, a vida acadêmica é muito rica, mas a vivência em construir uma política pública, colocá-la em execução é uma coisa que realmente é um desafio. Ainda mais para um país como o nosso, das dimensões que ele tem, com a heterogeneidade que ele tem, com as diferenças sociais que nós temos no nosso país. Isso é um desafio contínuo, pois para cada parte do nosso país há uma forma de relação e de tratamento. Isso é fantástico. O fato de poder colocar tudo aquilo que a gente imaginava para o esporte, a riqueza do esporte e tentar apresentar nossos materiais pedagógicos, essa oportunidade é uma oportunidade ímpar, poder contar com a colaboração de muito pesquisadores do Brasil. Na verdade, contamos com pesquisadores de todas as áreas e a gente conseguiu um avanço também, porque daí a gente colocou o pessoal da aprendizagem motora, da pedagogia do esporte, do treinamento esportivo, da biomecânica, da área da saúde, todo mundo junto para trabalhar conosco e fomos aprendendo como cada uma dessas áreas, subáreas, podem contribuir na estruturação de uma proposta que seja rica para as nossas

⁸ Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

crianças. Essa é a grande realização, aprendizado e legado que esses Programas estão deixando.

M.M. – Muito obrigada por suas contribuições, professor Amauri. Tem alguma pergunta que eu não te fiz, mas que você queira contemplar com suas palavras sobre algum assunto do próprio do Esporte da Escola?

A.O. – Não... Eu vejo que por enquanto é isso. Qualquer coisa eu complemento depois para você.

M.M. – Obrigada por sua contribuição, professor Amauri!

[FINAL DA ENTREVISTA]